

Reflexões contemporâneas sobre a condição humana

ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed.
Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, 174 pgs.

POR RENAN EDUARDO DA SILVA E MARLENE TIRLEI KOLDEHOFF LAUERMANN

*Especialista em Direito Civil pela Universidade Anhanguera.
Servidor do Campus Concórdia do IFC, renan.silva@ifc.edu.br.*

*Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Empresarial
de Chapecó. Servidora do Campus Concórdia do IFC, marlene.koldehoff@gmail.com.*

A obra *A condição humana* está organizada em seis capítulos, em textos que invocam o diálogo, o debate e a reflexão sobre o desenvolvimento da existência humana do período grego até a contemporaneidade. Dessa forma, com o estudo das atividades humanas há uma especial preocupação com o crescimento da despolitização e alienação do homem na sociedade.

No capítulo inicial, Arendt discorre sobre a possibilidade *vita activa* do homem no mundo moderno. Para compreender este aspecto, a autora elenca três atividades fundamentais, pressupostos para a existência do homem na Terra. As atividades essenciais são o labor (labor), o trabalho (work) e a ação (action).

O labor é o processo biológico do organismo humano que se relaciona às necessidades vitais do homem; portanto, no caso do labor, a condição humana é a própria vida. O trabalho, por sua vez, refere-se à produção de materiais que ultrapassem a ideia da mortalidade. Assim, o trabalho se diferencia do mundo natural produzindo um novo mundo: o mundo da artificialidade, em que pretende sobreviver e transcender as vidas individuais. Logo, a condição humana do trabalho é a mundanidade. A terceira atividade é a ação, sendo esta a única atividade que o homem exerce de forma livre, sem a interferência da matéria. Esta atividade corresponderia à condição do ser humano como um ser plural, pertencente a uma mesma raça (raça humana), mas de todo modo um ser único.

Em vista disso, de acordo com os aportes de Arendt, é possível compreender que a pluralidade do ser humano revela seu caráter como ser singular perante seus semelhantes. Esta singularidade, como expressão da pluralidade humana, seria a condição da vida política, aspecto que seria demonstrado no espaço público, onde o homem atingiria o potencial máximo.

Cada atividade, desse modo, estaria conectada às condições mais gerais da existência humana: o labor estaria ligado à sobrevivência do homem, o trabalho e seus produtos trariam algo de estável e durável à efemeridade da vida do homem e a ação, por fim, seria o meio que leva o homem a tornar-se um animal político, um ser racional que poderia conquistar reconhecimento e entrar para a história vencendo a mortalidade mundana.

A condição humana revelaria o ser humano como um agente condicionante, já que tudo o que entra em contato com este ou que é criado pelo próprio homem age como elemento da própria condição da existência humana.

Ainda neste capítulo, e remontando ao pensamento de Aristóteles, Arendt expõe que uma verdadeira *vita activa* seria uma vida dedicada a assuntos políticos e públicos na *pólis*, onde a contemplação (*vita contemplativa*) representaria a verdadeira liberdade do homem, de forma a vencer as necessidades da vida (labor) e os aspectos do trabalho que eram vistos como indignos. Arendt ressalta o homem como um ser social (*zoon politikon*), que necessita de outros homens para se desenvolver. Assim, a ação torna-se imprescindível para a vida em comum, já que o labor e o trabalho são atividades individuais que não exigem a presença de outros.

No segundo capítulo, é abordada a questão das esferas pública e privada. Ao adentrar o tema, Arendt destaca que o surgimento das cidades-estado leva à criação de dois espaços: o espaço privado, dedicado à vida privada do homem com seus assuntos familiares e particulares, e o espaço público, onde o homem exercia sua *bios politikos* (vida política) por meio da ação (*práxis*) e do discurso (*lexis*).

É interessante notar que a transformação do homem em um ser político e, portanto, social, torna o uso das palavras e da persuasão como importantes mecanismos a fim de evitar o uso da força e da violência (vistos como atos de tirania e despotismo) e como os meios adequados de decisão (*animale rationale*).

Logo, com a abordagem a respeito das esferas pública e privada, Arendt pontua a diferença entre os dois espaços para a condição humana. A esfera privada seria ligada à propriedade, sendo o espaço de pertencimento necessário para possibilitar a participação do homem nos negócios do mundo. Este espaço refletiria as necessidades materiais do homem e seria marcado pela desigualdade, devido ao exercício de toda a autoridade pelo *pater familias* (chefe de família). A esfera pública, por sua vez, seria o espaço de liberdade e igualdade, em que os homens alcançariam as necessidades da vida e se mostrariam como iguais por meio da ação e do discurso, revelando sua singularidade derivada da pluralidade da condição humana.

O texto, na sequência, traz a ideia do perecimento das esferas pública e privada, pois no mundo moderno-contemporâneo haveria dificuldade crescente em reconhecer essas fronteiras¹, já que a intimidade da esfera privada vira assunto público² e o que antes era público torna-se privado³.

Arendt, no terceiro capítulo, passa a estudar o labor, inicialmente diferenciando este do trabalho. Essa distinção se dá pelo uso errôneo de ambas as palavras como sinônimos ao longo da história. O labor é a manifestação das atividades mais básicas da vida humana, que visam unicamente à subsistência do homem (*animal laborans*); logo, o ato de *laborar* seria a expressão da condição humana da necessidade. Dessa forma, por representar a necessidade do homem, o labor, assim como o trabalho, era malvisto na antiguidade, o que por si só justificava a escravidão⁴ como uma tentativa de excluir o labor das condições da vida humana para os homens livres na *pólis*.

Ao contrário do observado na antiguidade, o que se presencia na era contemporânea é uma inversão de posições, em que o labor e o *animal laborans*

1. Para Arendt (2010, p.79) os estágios iniciais da era moderna trouxeram a completa extinção da própria diferença entre as esferas pública e privada. [...] a esfera pública porque se tornou função da esfera privada, e a esfera privada porque se tornou a única preocupação comum de quem sobreviveu.

2. Para melhor compreender o assunto ver: OLIVEIRA SANTOS, Rodolpho Raphael. **BBB e a sociedade do espetáculo**. Disponível em: <https://bit.ly/3hDiC7D>. Acesso em: 08/05/2021.

3. Como exemplo da problemática do espaço público-privado, pode-se falar sobre os “rolezinhos” nos shopping centers e o debate sobre o shopping center ser espaço público ou privado. Ver: <https://bit.ly/3tJyKZY>. Acesso em: 08/05/2021.

4. Arendt (2010, p. 95) expõe que, ao contrário do que ocorreu nos tempos modernos, a instituição da escravidão na antiguidade não foi uma forma de obter mão-de-obra barata nem instrumentos de exploração para fins de lucro, mas sim uma tentativa de excluir o labor das condições da vida humana.

são alçados à mais alta posição na *vita activa*, antes ocupada pela ação e pelo homem racional (*animal rationale*).

A era moderna-contemporânea do labor pode ser sintetizada pelo consumo⁵. Se na era antiga o labor se dava pela satisfação das necessidades biológicas, na contemporaneidade o *animal laborans* se torna um consumidor, e a satisfação das suas necessidades se dá pelo consumo dos objetos do mundo (utensílios, carros, casas e objetos de conforto) tanto quanto pelas necessidades mais básicas do processo biológico vital humano.

Essa transformação do homem em um ser preocupado unicamente com as satisfações das necessidades marca o início da apolitização e alienação do homem moderno-contemporâneo, quando este se volta unicamente a si mesmo (individualismo), o que colabora para a decadência da esfera pública e eleva o ideal de uma vida confortável com abundância (consumismo⁶) e prazeres (lazer, hobbies⁷) ao ápice da condição humana⁸.

O trabalho, abordado no quarto capítulo, aparece conceitualizado em oposição ao caráter efêmero e transitório do labor. O trabalho é caracterizado pela permanência e durabilidade que visam dar certa estabilidade à vida humana.

Assim, a expressão do trabalho humano pode ser vista pela criação dos materiais ou objetos do mundo, ou seja, pela sua fabricação, sendo seu criador o *homo faber*. Homem que, como criador de instrumentos e ferramentas, procura fornecer alguma garantia de permanência à futilidade da vida humana do labor (instrumentalidade).

A instrumentalidade do *homo faber* revela que este vive tão somente para produzir o seu mundo de coisas, o que traz à tona a alienação, a apolitização e o isolamento do homem em relação aos problemas do mundo e da sociedade.

O *homo faber* como agente produtor de materiais traz junto consigo a necessidade cada vez maior de produção de novos materiais necessários à boa vida humana, o que torna o trabalho cada vez mais necessário.

Esse ideal a ser perseguido pelo homem leva este a uma busca da felicidade que só pode ser atingida pelo ideal de abundância e de consumo desenfreado, que, quando não atingido, gera não somente infelicidade, mas também a formação de uma cultura voltada ao desperdício em que tudo logo se torna descartável e substituível em um ciclo interminável.

Consequentemente, e de forma diferente do que ocorria na antiguidade, quando a atividade do trabalho era indigna e relegada aos escravos, o trabalho na era contemporânea, como meio de criação de objetos que facilitam a vida do ser humano, não emancipou o homem do trabalho, mas tornou este um escravo de suas próprias criações (formação de uma sociedade de operários); o trabalho se torna indispensável, o meio para se obter acesso aos bens de consumo.

No quinto capítulo, discute-se sobre a ação, a atividade mais valorizada na antiguidade e que representava a relação social entre os homens, depois relegada ao posto mais inferior na era moderno-contemporânea. Assim sendo, a ação, como expressão de iniciativa, revelada por meio das palavras e do discurso, funcionaria como forma

5. Arendt (2010, p. 111) leciona que, do ponto de vista das exigências do próprio processo vital, o labor e o consumo seguem-se tão de perto que quase chegam a constituir um único movimento. A necessidade de subsistir comanda tanto o labor quanto o consumo.

6. Segundo Arendt (2010, p. 146) a persistente exigência do *animal laborans* de perseguir a felicidade só pode ser alcançada quando os processos vitais de exaustão e regeneração, de dor e alijamento da dor, estiverem em equilíbrio.

7. ...as horas vagas do *animal laborans* jamais são gastas em outra coisa, senão em consumir: e quanto maior é o tempo de que ele dispõe, mais ávidos e insaciáveis são os seus apetites. O fato de que estes apetites se tornam mais refinados, de modo que o consumo já não se restringe às necessidades da vida ao contrário visa principalmente as superficialidades da vida (ARENDT, 2010, p.146).

8. Arendt (2010, p.147) considera que um dos sinais de perigo de que talvez estejamos a ponto de realizar o ideal do *animal laborans* é a forma com que toda nossa economia já se tornou uma economia do desperdício, em que todas as coisas devem ser devoradas e abandonadas quase tão rapidamente quanto surgem no mundo.

de inserção do homem na esfera pública da *pólis* e traria o homem ao mundo, revelando sua importância como um ser singular dentro da pluralidade humana.

A ação aparece como contrária ao isolamento do homem, posto que o isolamento de seus semelhantes não leva ao desenvolvimento do próprio homem e da sociedade como um todo; desse modo, a ação sempre estabelece relações (agente condicionante), o que comprova a ideia do humano como ser um social.

A sociabilidade do homem na era antiga se dava no espaço público (*pólis*), onde o homem se revelava ao mundo por meio da ação e do discurso. Ao agir e expressar-se, o homem venceria a mera existência mundana e as necessidades vitais que o tornavam semelhante a outros seres como, por exemplo, os animais não-humanos.

No entanto, para Arendt, a modernidade-contemporaneidade nos revela que a ação e o discurso foram caracterizados como ócio. O homem racional deu lugar ao *homo faber* com suas criações, que se tornaram mais importantes que o próprio homem, e para o *animal laborans* a vida se torna o bem supremo da humanidade.

Por isso, com a progressiva substituição da ação pela fabricação e pelo labor, observa-se a gradativa diminuição da importância da esfera pública (espaço público), com o homem voltando-se à esfera privada para ater-se somente a seus assuntos particulares. Arendt retorna à ideia da apolitização do homem pelo seu crescente individualismo na sociedade moderna-contemporânea, de modo que a atualidade estaria marcada pela desumanização do homem como um ser egoísta, apolítico e antissocial.

No último capítulo, trata-se de entender como se deu o processo de alienação do homem no mundo. Arendt procura demonstrar que o desenvolvimento da humanidade e da ciência abriram espaço para a acumulação da riqueza, processo que teve como efeito o sentimento de que o homem perdeu seu “lugar” no mundo (pertencimento).

Essa característica pode ser percebida na prioridade que a humanidade empresta ao desenvolvimento tecnológico de novos objetos e ferramentas para uma vida boa, ao invés de procurar mecanismos para minimizar a crescente pobreza e miséria que afligem seus semelhantes.

O desfecho, ancorado na reflexão de que, ao contrário do que poderia ser visto na antiguidade, em que as atividades de contemplação, de discurso e de observação dos homens eram vistas como hierarquicamente superiores, no mundo moderno-contemporâneo o homem é valorado pela sua capacidade de produção (fazer) para consumir (labor), ou seja, haveria uma inversão de posições com a ascensão do labor e do trabalho às mais altas posições da *vita activa*.

Ao concluir, o alerta que Arendt expressa é que, com a ascensão do *homo faber* e a sua conseqüente derrocada, e com a vitória do *animal laborans*, a humanidade foi perdendo ao longo da história sua capacidade de pensamento e de reflexão, bem como sua natureza social e política. A degradação da ação e a banalização da importância do fazer e do consumir na contemporaneidade revertem-se na formação e no crescimento de uma população cada vez mais apolítica, alienada, individualista e consumista, em que tudo se torna descartável, inclusive o próprio homem. ↗

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

OLIVEIRA SANTOS, Rodolpho Raphael. **BBB e a sociedade do espetáculo**. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/feitosdesfeitas/_ed675_bbbe_a_sociedade_do_espetaculo/. Acesso em: 08/05/2021.

UOL. **Rolezinho: shopping é espaço público ou privado?** Disponível em: <http://direito.folha.uol.com.br/blog/rolezinho-shopping-espao-pblico-ou-privado>. Acesso em: 08/05/2021.